

Descrevendo o vôo de um pássaro: algumas discussões sobre a utilização do *Twitter*¹

Dalila Floriani²

Curso de Ciências Sociais / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) / Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço (GrupCiber)

Resumo

O artigo apresenta as discussões iniciais da pesquisa, em desenvolvimento para o meu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais vinculado ao GrupCiber – Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço integrado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC –, que procura descrever algumas interações ocorridas no chamado ciberespaço a partir da minha experiência construída a partir da utilização do *Twitter*, uma das ferramentas comunicativas que mais ganha adeptos nos dias atuais. Adotando como perspectiva teórica a Teoria do Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour, e metodológica o *(re)fazer etnográfico ao experimentar* a criação e manutenção de um perfil no *Twitter* segundo as orientações de *como dominar o Twitter* contidas no livro “O poder do Twitter” escrito por Joel Comm, o trabalho objetiva descrever e discutir as interações que se notou estabelecidas a partir do uso desse *dispositivo*.

Palavras-chave

Twitter ; Teoria do Ator-Rede ; Sociotécnico ; Ciberespaço.

Apresentação

Twitter: s. gorjeio, trinado, chilro³ / v. cantar, gorjear, chilrear, pipilar, estridular; (fig.) tremer de excitação. Essa é a definição que o popular mini dicionário Inglês – Português Michaelis apresenta como tradução do termo *twitter*.

Twitter:

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Licenciada em Ciências Sociais pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e membro do Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço (GrupCiber) da UFSC.

E-mail: dalilafloriani@gmail.com

³ Voz de pássaro clara e vibrante que se faz ouvir em pipilos, trinados ou gorjeios sucessivos; definição apresentada pelo Dicionário Eletrônico Houaiss.

conceitualmente, esse novo instrumento de comunicação e aproximação de pessoas é constituído, antes de tudo, de uma rede social e de um servidor para o que é chamado de *microblogging*, de modo a permitir aos usuários o envio e a leitura de atualizações pessoais de outros indivíduos de seu contato, por meio de textos com no máximo de 140 caracteres, os *tweets*, pela internet ou pelo celular, sob o formato de mensagens curtas, ou seja, os nossos populares torpedos ou SMS – sigla de *short messages services*. Por isso, poderíamos também chamar o Twitter de “torpedo ou SMS da internet”. (COMM, 2009, p. XV – grifos do autor)

Essa é a definição que Joel Comm⁴ apresenta para o *dispositivo*⁵ Twitter em seu livro *O poder do twitter – Estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez*.

Partindo de tais definições uma das correlações que se pode pensar a partir do nome desse *dispositivo*, *Twitter*, com as interações permitidas por ele é que os comentários são “espalhados” instantaneamente, como a conhecida anedota dos passarinhos que (“me contaram”) levam em seu vôo os segredos alheios... Os usos e interações que podem ser estabelecidos a partir e através do Twitter gozam de multiplicidades imensas. É possível promover sua imagem pessoal ou da sua empresa, enviar pedidos de ajuda, encontrar informações sobre um sem número de assuntos, fazer perguntas e obter respostas, contar a alguém que está distante o que se está fazendo, como demonstra Comm (op. cit.), e entre muitas outras possibilidades que são engendradas a partir das experiências.

Esse artigo, que se configura em um primeiro esforço de sistematização da pesquisa em desenvolvimento⁶ para meu trabalho de conclusão de curso, procura refletir acerca da experiência que estou estabelecendo com o Twitter. O trabalho de campo está consistindo em seguir um *plano de 30 dias para dominar o Twitter* (para cada um dos trinta dias há atividades específicas para cumprir e então construir um *Twitter poderoso*) que Joel Comm apresenta em seu livro (op. cit). A perspectiva teórica assumida é a Teoria do Ator-Rede desenvolvida por Bruno Latour (2008), portando rastrear e descrever as interações estabelecidas.

Pretende-se, dessa maneira, discutir acerca da descrição (e de como fazê-la) do vôo *desse pássaro* que estou *alçando*, ou de seus *gorjeios*.

⁴ Segundo informações contidas em seu livro, Joel Comm é considerado uma autoridade internacional em redes sociais, assim como em marketing e estratégias de negócios *on-line*.

⁵ Considerando-se aqui a noção de dispositivo como “qualquer coisa que tenha de algum modo capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”, desenvolvida e apresentada por Giorgio Agamben no texto “O que é um dispositivo?” (2005, p. 13)

⁶ Sob orientação do Professor Dr. Theophilos Rifiotis.

Comendo alpiste antes de voar – Algumas considerações teóricas

Ao tratar do Twitter, trata-se, inevitavelmente, da internet – apesar de ser possível enviar e receber *tweets* também através de dispositivos móveis como telefones celulares – percebe-se que a maior parte da utilização é feita através da internet. Sendo assim, antes de refletir acerca do Twitter é preciso fazê-lo acerca da internet, do ciberespaço.

Guimarães (1999), ao discutir o ciberespaço como um cenário para as ciências sociais, afirma que esse termo pode ser “definido como *locus* virtual criado pela conjunção das diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, em especial, mas não exclusivamente, as mediadas por computador”, e que o ciberespaço assim definido

configura-se como um *locus* de extrema complexidade, de difícil compreensão em termos gerais, cuja heterogeneidade é notória ao percebermos o grande número de ambientes de sociabilidade existentes, no interior dos quais se estabelecem as mais diversas e variadas formas de interação, tanto entre homens, quanto entre homens e máquinas e, inclusive, entre máquinas.⁷

Adotando, para o trabalho que se pretende realizar, essa prerrogativa de variabilidade das interações – tanto em relação à quantidade de ambientes disponíveis na internet, quanto à mediação homem-homem / homem-máquina-homem / máquina-homem-máquina / máquina-máquina – abre-se um campo de estudos intensamente dinâmico.

No entanto, comumente, ao tratarmos das inovações técnicas e interações sociais engendradas a partir delas, *isolamos* o técnico do social. É usual percebermos cada uma dessas instâncias em separado e de maneira independente. Pretende-se, entretanto, assumir uma postura diversa, que permita *rastrear* as interações mantendo o técnico e o social em concomitância.

Ao se propor uma reflexão acerca da internet – um espaço extremamente dinâmico e mediador de novas relações – que não considere o social em detrimento do técnico e vice-versa, urge considerar a noção de *redes sócio-técnicas* (Latour, 2008). Essa noção é imprescindível a fim de perceber outros objetos, além dos humanos, que interagem produzindo modificações. Latour considera que “lo social parece estar diluído em todas partes, y sin embargo en ninguna en particular” (idem, p. 15). Tal afirmação pode ser aproximada dos estudos de cibercultura, pois o social está diluído de várias maneiras no *ciberespaço*; ao passo que não é possível identificá-lo em um *locus* específico. No entanto, ao refletir o *social*

⁷ Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html#n7>, acessado em 10/06/09.

diluído na / através da / pela internet, é necessário se ocupar também do *tecnológico diluído* no / através do / pelo social. Dessa maneira, a partir de uma perspectiva *sociotécnica*, evidencia-se a importância de considerar com igual *status* os fenômenos sociais e técnicos no interior da temática proposta; bem como pensar nos termos de uma *traçabilidade do social* (Latour, 2007), procurando identificar os *traços (rastros)* que o *Twitter* – e as inovações técnicas – deixam.

Utilizar-se-á também – ao operar nos termos da cibercultura – a noção de Latour (2008) de que os *não-humanos* devem ser considerados atores e não simplesmente portadores de uma projeção simbólica. Procurar-se-á, portanto, sob essa ótica, também dispensar *agência* à internet ou a outros *dispositivos* que se percebem dotados de agência ao longo da descrição. O que está inserido no esforço de superar a dupla separação moderna entre humanos e não-humanos, procurando simetria total entre eles, como demonstra Freire (2006) em seu artigo “Seguindo Bruno Latour” no qual apresenta uma sistematização e introdução ao pensamento do autor. Freire afirma, nesse sentido, que “Latour propõe em seus trabalhos uma abordagem pragmática que não seja centrada nem só no técnico, nem só no social, mas capaz de respeitar a dinâmica não hierárquica e não linear de suas relações” (op. cit., p. 50)

Jean Segata, em sua dissertação sobre o *Orkut*, considera que

os nossos objetos, nesse campo [ciberespaço], também são bastante fluidos e as fronteiras e redes bastante flexíveis e complexas, construindo espaços tão híbridos quanto esses objetos (2008, p. 137)

É, portanto, perceptível o quanto as fronteiras entre os objetos – humanos e não-humanos – são tênues e como há hibridismos, conforme já denunciou Latour ao afirmar que *Jamais fomos modernos* (2008 b), ao se pensar tal campo para reflexão.

Ao termos – através das inovações técnicas – modificado o mundo ou nossa percepção sobre ele, pode-se considerar ponto passivo que todas essas recentes inovações tecnocientíficas a que estamos submetidos cotidianamente (nos) modificam (n)as relações sociais. Nesse sentido, Escobar, logo no início do seu texto *Bienvenidos a Cyberia*, trata dessas mudanças procurando contextualizá-las com um novo campo da prática antropológica.

Para o autor,

actualmente están tomando lugar cambios considerables tanto en el carácter de la tecnología como en la manera en que la entendemos. La información computarizada y las biotecnologías están produciendo una transformación fundamental en la estructura y en el significado de la cultura y de la sociedad moderna. (...) el estudio de la cibercultura está relacionado particularmente con las

construções y reconstruções culturais en las que las nuevas tecnologías están basadas y a las que a su vez ayudan a tomar forma. (2005, p. 15)

Em ferramentas como o *Twitter*, é possível assinalar de maneira proeminente essas mudanças citadas por Escobar. Pode-se pensar nessa rede social como um espaço que permite um(ns) compartilhamento(s) muito grande(s) entre os usuários, sejam a níveis individuais ou até mesmo coletivos⁸, afinal, diferentemente dos *bloggers*, nos quais os interessados devem acessar as páginas pessoais de terceiros para ler o que foi *postado*, no *Twitter* os *posts* – ou *tweets* – são registrados automaticamente nas páginas de quem os segue. Dessa forma, há a possibilidade desses *compartilhamentos* serem vivenciados – ou não – pelos participantes dessa rede de relacionamentos, dependendo da utilização que se faz e o que se consegue / pretende alcançar com ela.

Tais compartilhamentos só são possíveis através da interação também com os *objetos não-humanos*, como por exemplo: o computador e o próprio dispositivo *Twitter*, afinal em algum sentido os sujeitos comunicam-se esperando comunicar com outros sujeitos, mas, talvez, nem sempre seja possível apreender a dimensão em que comunicam. Ao postar um *tweet* em sua própria página, o usuário vê, imediatamente, seu comentário ser registrado na mesma. Ainda que esteja ciente da dinâmica do dispositivo – ou seja, que o *Twitter* “espalhará” seu *tweet* pelas páginas de seus seguidores – imagina-se não ser possível, para os *twitters*, apreenderem o alcance de tal processo. Há, portanto, uma atividade de mediação com o computador, a internet, o *Twitter* e outros atores⁹ que podem estar interagindo.

Já é de grande monta as discussões acerca das mudanças e relações a partir do uso da internet. Podemos perceber, grosso modo, posições bastante polarizadas nesse debate – considerando, no entanto, que atualmente essas posições estão mais nuançadas, como demonstra Rifiotis (2003). Por um lado, autores como Jean Baudrillard, concebem a internet de maneira totalmente negativa e apocalíptica. Baudrillard considera que não somos nós quem pensamos o virtual; mas sim que somos pensados por ele: a potência de agência que o virtual possui supera a nossa. O autor afirma que “a extensão incondicional do virtual (...) determina a desertificação sem precedentes do espaço real e de tudo que nos cerca” (1997, p. 24). É

⁸ Há muitos jornais e empresas que se utilizam do *Twitter* para divulgar notícias ou lançamentos de produtos com maior rapidez, assim como é notável a utilização do *Twitter* por políticos – podemos lembrar como um exemplo emblemático o caso do senador petista Aloizio Mercadante que divulgou em seu *Twitter* que deixaria a liderança do PT no Senado, logo após anunciou que o presidente Lula queria conversar com ele antes da anúncio da renúncia e por fim avisou que a pedido do presidente não iria mais renunciar ao cargo.

⁹ Considerando que para Latour (2008), ator é aquele ou aquilo que produz diferença.

predominante, pois, em tal compreensão, uma *demonização* do virtual por considerar que ele pode *substituir a vida real* por uma *vida espectral*.

De outra feita, Pierre Lévi, logo na introdução do seu conhecido *O que é o Virtual?*, admite uma postura contrária:

deve-se temer uma desrealização geral? Uma espécie de desaparecimento universal, como sugere Jean Baudrillard? Estamos ameaçados por um apocalipse cultural? Por uma aterrorizante implosão do espaço-tempo, como Paul Virilio anuncia a vários anos? Este livro defende uma hipótese diferente, não catastrofista: entre as evoluções culturais em andamento nesta virada do terceiro milênio – e apesar de seus inegáveis aspectos sombrios e terríveis –, exprime-se uma busca da hominização (1996, p. 11).

Rifiotis, ao discorrer sobre tal polaridade teórica presente no debate dos estudos de ciberespaço, afirma que esse discurso dos “que viam o nascimento de um novo mundo com acesso mais democrático à comunicação e à informação, (...) eram chamados de ‘apologéticos’” (2003, p. 05). O autor demonstra que essa polaridade ideológica perdeu sua centralidade, afinal, nos últimos anos acumulou-se de modo significativo “trabalhos específicos sobre as modalidades de interação concreta *na e pela* Internet, ou seja, a produtividade social no ciberespaço” (p. 06).

O que se está pretendendo, portanto, é essa perspectiva sugerida por Rifiotis de “retomar as interrogações básicas sobre como se dão as interações nesse espaço” (2003, p. 06), assim como, a partir do conceito de *mediação* e a Teoria do Ator Rede (TAR) de Latour (2008), rastrear as interações estabelecidas a partir da *minha experiência* no Twitter a seguindo uma perspectiva que privilegie o sociotécnico, ou seja, outras agências e outros agentes que sejam percebidos no decorrer do *rastreamento* e não pré-estabelecidos antes de conhecê-los. Não se pretende explicar o *social pelo social* (Latour 2008) e nem o *técnico pelo técnico*.

Ensinando o pássaro a voar

Partindo de todos esses pressupostos entendo que não se pode considerar a *rede*¹⁰ estabelecida de antemão – no caso de meu trabalho não posso considerar o Twitter como uma *entidade* fixa, previamente estabelecida, independentemente de minha experiência e passível de uma *explicação*. Considero, de acordo com uma perspectiva sóciotécnica, ser importante a

¹⁰ Remetida aqui a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes, como apresenta Freire (2006).

descrição, pois ela permite que se percebam autores que não estavam previstos. E é nesse sentido que estou procurando desenvolver meu trabalho de campo para o TCC.

O campo está sendo constituído a partir da experiência de trinta dias cumprindo o “plano de 30 dias para dominar o Twitter” presente ao final do livro de Joel Coom. Esse plano é constituído de um guia passo a passo com as atividades que devem ser realizadas a cada dia para construir um Twitter que se torne “poderoso”, ou seja: consiga muitos seguidores. Optou-se metodologicamente por essa intervenção por parecer não ser necessário “forjar” uma entrada no campo, mas seguir as orientações de quem é “naturalizado” (ou nativo) com e no campo, e nesse caso, o campo é povoado por muitos pássaros, de muitas *espécies* e com cantos diferenciados.

Ao longo das duzentas e sessenta e sete páginas do seu livro – *O poder do Twitter* – Comm fornece maneiras para obter sucesso com o Twitter. Como o livro tem um forte direcionamento para a área de marketing, muitas das sugestões remetem a vendas, imagem empresarial, como conquistar clientes etc., no entanto há muitas dicas para se construir uma boa imagem pessoal, até porque, segundo o autor, para se promover a imagem de um produto é preciso promover primeiro a imagem pessoal. O livro está organizado em quatorze capítulos que apresentam desde uma introdução às mídias sociais, motivos para o Twitter ser tão poderoso, a uma relação de *twitteiros* famosos que se deve seguir. O plano no qual estou seguindo está contido no penúltimo capítulo (p. 243 – 253) chamado: “Colocando tudo junto: um plano de 30 dias para dominar o Twitter” e está subdividido entre os trinta dias, trazendo o título da atividade principal a ser realizada e a descrição detalhadamente do que fazer. Os dias estão divididos entre as seguintes atividades:

- Dia 1 – Cadastro e instalação;
- Dia 2 – Crie sua imagem de fundo;
- Dia 3 – Dê uma lida (nos *tweets* de outros perfis para ter idéias do que escrever);
- Dia 4 – Escrevendo seus primeiros Tweets;
- Dia 5 – Começando a seguir;
- Dia 6 – Adicione amigos e conhecidos e comece a responder;
- Dia 7 – Comece a adicionar grandes seguidores;
- Dia 8 – Adicione mais seguidores;
- Dia 9 – Envie uma pergunta;
- Dia 10 – Responda uma pergunta;

- Dia 11 – Divirta-se (escrevendo *tweets* que o façam rir);
- Dia 12 – Procure por seus evangelizadores;
- Dia 13 – Invista em seus evangelizadores;
- Dia 14 – Faça algum serviço de atendimento ao cliente;
- Dia 15 – Envie um *tweet* com link;
- Dia 16 – Envie um *tweet* de discussão;
- Dia 17 – Envie um *tweet* de ação;
- Dia 18 – Comece a organizar um conjunto de *tweets*;
- Dia 19 – Tente uma sequência diferente;
- Dia 20 – Divirta-se!;
- Dia 21 – Faça algum marketing fora do Twitter;
- Dia 22 – Unifique suas ferramentas de mídia social;
- Dia 23 – Direcione seus seguidores para comprar uma oferta especial;
- Dia 24 – Direcione os seguidores para um Blog;
- Dia 25 – Direcione os seguidores para assinar;
- Dia 26 – Direcione os seguidores para comprar sem uma oferta especial;
- Dia 27 – Divirta-se;
- Dia 28 – Crie uma segunda página;
- Dia 29 – Encontre seguidores para sua segunda página;
- Dia 30 – Divirta-se!

Segundo essas sugestões que o autor apresenta – e explica detalhadamente – estou inserindo e iniciando minha experiência no *campo* de maneira totalmente diversa da que se eu estivesse iniciando um perfil e contatos no Twitter de maneira autônoma, estou, portanto, estabelecendo uma *rede* completamente distinta e repleta de especificidades. Ao procurar descrever, pormenorizadamente em meu TCC, as interações, os *rastros* (vôos) que eu mesma e meus contatos – tanto com objetos humanos, quanto não-humanos, desde que dotados de agência na situação específica a ser descrita – criamos, torna-se possível perceber atores outros que não seriam visíveis se eu estivesse analisando o Twitter em apenas um de seus aspectos.

Posso afirmar antecipadamente, segundo a experiência que constituí até o presente momento, que ao se dispor descrever as interações percebidas – assumindo o compromisso de considerar os atores, inclusive aqueles que não haviam sido identificados de antemão – estou

me deparando com uma tarefa um tanto complicada, afinal, aceitar e bem gerenciar a consequência direta da perspectiva sociotécnica que Freire descreve como “a recusa das fronteiras rigidamente construídas entre as ciências humanas e as naturais” (2006, p. 60) exige aceitar o desafio de voar mais alto, pousar inesperadamente ou talvez sequer sair do chão. Mas é esse outro olhar que tem me permitido *ouvir outros gorjeios*.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** *In Outra Travessia*, n 5. Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Literatura, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: Mito-Ironias na Era do Virtual e da Imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

COMM, Joel. BURGE, Ken. **O poder do Twitter: Estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por ver**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

FREIRE, Letícia Luna. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. *Comum*, v. 11, n. 26. Rio de Janeiro, 2006.

GUIMARÃES Jr., Mário J. L. **O ciberespaço como cenário para as ciências sociais**. 1999. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html#n7>. Acessado em 18/07/09

HOUAISS, **Dicionário Eletrônico**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss / Objetiva, Dezembro de 2001.

LATOUR, Bruno. **Rendre Le social à nouveau traçable**. *In La cronique de Bruno Latour*, 2007.

_____. **Reensamblar lo Social**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

_____. **Jamais fomos modernos**. São Paulo, Editora 34, 2008 b.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: 34, 2009.

MICHAELIS, **Pequeno Dicionário Inglês – Português / Português - Inglês**. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

RIFIOTIS, Theophilos. **Duas ou três coisas sobre elas, as comunidades virtuais**. *In Anais do XXVII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambú, 2003.

SEGATA, Jean. **Lontras e a Construção de Laços no Orkut**. Rio do Sul: Nova Era, 2008.